

## (IN)SEGURANÇA PÚBLICA

☎ pelo governo do Pará, na altura do município de Antônio Lemos, para combater a alta de roubos de carga. O foco nesse ponto considerado estratégico, que liga o Rio Amazonas à região metropolitana de Belém, foi importante para ajudar a diminuir as ocorrências envolvendo embarcações nos anos seguintes, diz a gestão estadual. Mesmo com a desaceleração, esse tipo de roubo ainda preocupa, diante das dificuldades de fiscalização no território amplo e complexo.

“A disputa pelo controle dos rios se dá de forma extremamente violenta, com embates entre grupos criminosos fortemente armados, no meio de intensa troca de tiros”, afirma Igor Starling, promotor do Ministério Público do Amazonas. “É uma constante guerra entre criminosos para a tomada dos pontos de controle dos rios.”

**PREJUÍZO.** Levantamento do Instituto Combustível Legal (ICL) aponta que a atuação dos piratas causa prejuízo anual de cerca de R\$ 100 milhões nas atividades de transporte de cargas pelo Rio Amazonas. “Esse número leva em conta gastos adicionais – com empresas tendo de contratar escolta armada –, outros investimentos em segurança e o próprio roubo”, diz Emerson Kapaç, presidente da entidade. Já os 7,7 milhões de litros de combustível roubados em ataques contra embarcações causaram prejuízos de R\$ 48 milhões num intervalo de três anos (de outubro de 2020 a dezembro de 2023), segundo o Sindarma.

Compostos por pelo menos quatro ladrões, os grupos agem fortemente armados, inclusive com fuzis, e às vezes

chegam de forma silenciosa e com luzes apagadas. A violência é comum nas ações. Em um caso, um tripulante de um navio vindo do Chile foi amarrado pelos pés e mãos. Celulares e outros itens dos marinheiros também são roubados.

**‘FOI UM SUSTO’.** Um marinheiro de 30 anos que pediu para não ter o nome revelado conta que, após terminar seu plantão em um navio cargueiro, foi para o dormitório e, assim que fechou a porta, ouviu tiros. “Foi um susto, nós (tripulantes) nos jogamos no chão”, diz ele. Dois seguranças armados impediram o roubo. A ação

**Abordagens violentas**  
**Com pelo menos 4**  
**ladrões, os grupos agem**  
**fortemente armados,**  
**inclusive com fuzis**

ocorreu em janeiro, por volta de 19h, perto do Rio Amazonas. Quando o navio foi atacado, tinha acabado de passar pelo Estreito de Breves. “Foram cinco minutos de troca de tiros que mais pareceram uma eternidade”, diz o marinheiro.

Diante dos roubos, os governos estaduais têm tentado aumentar a segurança na região. Hoje, o Pará tem a base fluvial de Antônio Lemos, no Estreito de Breves, e prevê instalar outras duas até o fim do ano: em Óbidos, às margens do Amazonas, e em Abaetetuba, próximo à Ilha do Capim. Já o Amazonas tem quatro bases, sendo duas móveis – a Tiradentes, no Alto Solimões, e a Paulo Pinto Nery, próxima da foz do Rio Madeira – e duas fixas – a Arpão 1, perto do município de Coari, no Rio Solimões, e a Arpão 2, no Rio Negro. A última foi inaugurada no começo deste ano. ●

## Roubos no Rio Amazonas

**R\$ 100 mi**  
foi o prejuízo dado  
às transportadoras.

☎ tado, o ideal seria adotar uma rede de nove bases fluviais e três bases terrestres para cobrir mais pontos considerados estratégicos.

**TRÁFICO.** No Pará, a implementação da base no Estreito de Breves teve como objetivo de evitar que o tráfico consiga escoar as drogas. Entre 2019 a 2021, foi apreendida meia tonelada de entorpecentes na malha fluvial, segundo a Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Pará (Segup).

“Já no período de 2022 a 11 de abril de 2024, posterior à implantação da base fluvial, foram apreendidas mais de 7 toneladas de drogas na malha fluvial do Pará”, disse. A base pa-

raense funciona 24 horas por dia, e conta inclusive com lanchas blindadas.

“No ano passado, 20% do que nós apreendemos foi em Antônio Lemos, na base de Breves, e metade foi apreendida onde vai ser a base de Óbidos”, detalhou Ualame Machado, secretário de Segurança Pública do Estado.

Como vem mostrando o **Estadão**, a região da Amazônia tem passado nos últimos anos por uma sobreposição entre crimes ambientais, como desmatamento e garimpo ilegal, com o narcotráfico. A nova dinâmica tornou mais complexo o combate à criminalidade. ●

## Região vê explosão em apreensões de ‘supermaconha’ em barcos



PM-AM/DTVULGAÇÃO

O avanço do narcotráfico fez rios como Madeira, Amazonas e Solimões virarem palco de disputas

As apreensões de skunk, droga também conhecida como “supermaconha”, têm crescido em embarcações que circulam por Estados como Amazonas e Pará, segundo autoridades. Assim como a cocaína, a droga vem sendo importada de países vizinhos, como Peru e Colômbia, por facções que atuam na região.

O avanço do narcotráfico fez rios como Madeira, Amazonas e Solimões virarem palco de disputa entre organizações criminosas como o Comando Vermelho (CV), considerado soberano na região, e o Primeiro Comando da Capital (PCC), maior facção do País.

O destino final das drogas pode ser tanto o mercado interno – o Brasil é o segundo maior consumidor de cocaína do mundo – quanto continentes como África, Europa e Ásia. No segundo caso, costuma ter papel central no envio das remessas ao exterior o Porto de Vila do Conde, em Barcarena (PA), um dos principais do País.

“Tem se tornando bem comum, quando ocorre a apreensão de cocaína, ter skunk junto ou às vezes a apreensão ser só de skunk”, disse ao **Estadão** o secretário de Segurança Pública do Estado do Pará, Ualame Machado, em entrevista concedida em abril. “A Colômbia, que, por décadas, foi a maior produtora de cocaína, hoje não é mais. Hoje são Peru e Bolívia. Então, a Colômbia passou a produzir, além da cocaína, o skunk”, continuou ele, que antes ocupou o posto de superintendente da Polícia Federal no Pará.

Essa mudança de foco do tráfico, afirma, gerou uma explosão de apreensões da droga em rios do Estado. Segundo balanço da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Pará (Segup), entre 2019 e

2021, meia tonelada de entorpecentes foi apreendida na malha fluvial do Estado.

Recentemente, a apreensão de skunk em rios subiu 31% em um período de dois anos no Amazonas. Ao todo, 19,1 toneladas da droga foram apreendidas ao longo de todo o ano de 2022, ante 14,5 toneladas em 2020. No ano passado, foram 15,6 toneladas apreendidas. Já neste ano, somente de janeiro a fevereiro, foram 5,9 toneladas, o que volta a indicar uma nova tendência de alta nas apreensões de skunk.

Para se ter um parâmetro, no mesmo período deste ano foram apreendidos 303 quilos de cocaína. Em 2023, quando houve o pico das apreensões desse tipo de droga, foram 3,3 toneladas. “A apreensão de skunk subiu porque, quando se faz uma apreensão dessa droga, o custo para o tráfico é menor, já que ela tem um valor agregado menor do que a cocaína”, disse ao **Estadão** o secretário de Segurança Pública do

Amazonas, Marcus Vinícius Oliveira de Almeida.

**MERCADO NACIONAL.** De acordo com ele, há dinâmicas distintas no tráfico de drogas na região. “O skunk é muito usado no mercado nacional, normalmente não é para exportação. Já a cocaína, geralmente uma parte fica e o resto vai para Europa, principalmente”, explicou o secretário.

No último dia 30, uma mulher de 26 anos foi presa pela Polícia Militar do Amazonas (PM-AM), em fiscalização na base Arpão 1, após ter sido flagrada com 15 quilos de skunk dentro da mala. A droga foi localizada pelos agentes com auxílio de um cão farejador.

No ano passado, a PM amazonense, em conjunto com a Polícia Federal, apreendeu 600 quilos de skunk em Santa Isabel do Rio Negro, a 630 quilômetros de Manaus. Dois homens, de 63 e 34 anos, de nacionalidade colombiana, foram presos. Só neste caso, o prejuízo estimado ao crime organizado foi de R\$ 12 milhões, segundo a Secretaria da Segurança Pública do Amazonas.

Atualmente, o Comando Vermelho é considerado dominante na Região Norte, mas o PCC também tem buscado avançar pela região. “Até agora, eles não têm conseguido. Eles têm, no máximo, uns 10%, 15% de atuação por aqui. São quatro ou cinco bairros em que eles fazem a comercialização de drogas na cidade de Manaus”, disse Almeida.

Ainda assim, o secretário afirma que o foco do PCC na região é menos a ocupação de territórios, mas “muito mais empresarial”. “Para eles, é muito mais interessante fazer o que eles fizeram, que foi o controle de produção no Peru”, afirmou. ●

## Ações da polícia

## 5,9 toneladas

de skunk, ou ‘supermaconha’, foram apreendidas só entre janeiro e fevereiro deste ano.

31% foi o quanto aumentou a apreensão de skunk em rios no Amazonas, num período de dois anos.